

RACISMO E SEGREGAÇÃO: OS TRABALHADORES AFRICANOS MORADORES EM HABITAÇÕES COLETIVAS NA REGIÃO PARISIENSE¹

Maria Nilza da Silva – UEL²

Resumo: Diante da pobreza, das adversidades climáticas e das dificuldades de subsistência, inúmeros jovens africanos continuam a ver na Europa a resposta para alcançar as mínimas condições de subsistência. Destes, muitos se arriscam no mar e no deserto e se submetem a todos os tipos de condições para chegar aos países europeus onde acreditam que terão possibilidades dignas de sobrevivência e, sobretudo, de sustentar a família e os parentes que ficam em condições adversas em seus países. Este trabalho tem como objetivo analisar como os trabalhadores imigrantes e moradores das habitações coletivas em Montreuil, região parisiense, vivem cotidianamente as suas relações sociais e o processo de adaptação na nova realidade social.

Palavras-chave: Território, cultura, racismo, imigração

Abstract: Against the poverty, the weather adversities and subsistence difficulties, numerous young Africans remain to see in Europe the answer to reach minimum life conditions. Many of them risk their lives in the ocean and through the desert submitting themselves to all kinds of conditions to get to European countries where they believe there is possibility of worthy survival and, overall, to provide for the family and relatives who remain in the adverse conditions in their countries. This work aims to analyze how immigrant workers and inhabitants of collective dwelling in Montreuil, Parisian region, daily live their social relationships and the process of adaptation in the new social reality.

Key-words: Territory, culture, racism, immigration

Introdução

Um dos principais problemas, em tempos de globalização e de crise, é o crescimento do fluxo migratório internacional. Diante dos problemas internos, num contexto de dificuldades econômicas, do aprofundamento da situação de pobreza, das guerras, dos conflitos religiosos e/ou raciais ou das perseguições políticas, alguns países veem partir, em viagem perigosa, parte de sua população, em especial os jovens. São muitos os que partem em busca das mínimas condições da própria sobrevivência e

¹ Este texto foi apresentado, com modificações, no Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais – ANPOCS, realizada em Águas de Lindóia-SP e no Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, em Salvador, em 2013.

² Professora Associada dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Londrina.

daqueles que ficam. Para outros, em alguns casos, países colonizadores, o desafio consiste na falta de condições de acolher e abrigar os imigrantes. Se antes tinham nos países-colônias respostas para os seus problemas internos, na atualidade, veem-se confrontados com a presença dos antigos colonizados que reivindicam direitos e uma identidade fundamentada na história. Se, num primeiro momento, a imigração era a resposta para as necessidades dos países imperialistas, noutro passou a ser um dos principais desafios.

Já não é mais possível desconsiderar a presença dos imigrantes e suas reivindicações, nem deixar de responder às suas necessidades humanas, como também de reconhecer seus valores, a nova identidades, a diversidade cultural e os novos modos de ser que surgem nos contextos da mobilidade internacional.

Atentando para isso, este trabalho apresenta uma reflexão sobre os problemas da imigração, da segregação urbana e do racismo, baseando-se na experiência dos trabalhadores africanos, em especial na dos originários do Mali, que moram em residências coletivas na região parisiense, denominadas Foyers.

A experiência vivida nos *Foyers des Travailleurs Immigrés*, habitações dos trabalhadores imigrantes, mostra uma realidade impactante de segregação, do racismo e do confinamento a que é submetida grande parte dos trabalhadores africanos no país da Liberdade, Fraternidade e Igualdade. Este trabalho apresenta alguns aspectos da realidade dos habitantes das moradias coletivas, particularmente da dos africanos originários do Mali, habitantes de dois *Foyers*, o *Nouvelle France* e o *Bara*, localizados em Montreuil, em Seine Saint-Denis, na Ilha França. Em 2012, havia 46 *Foyers* na região parisiense, 25 dos quais localizados em Paris.

Tem-se consciência de que é possível abordar apenas alguns aspectos do cotidiano desses moradores em razão da complexidade do problema enfrentado por eles, por envolverem-no as políticas habitacionais da França, a segregação territorial e racial, o racismo, o emprego, o fluxo migratório, o colonialismo e o pós-colonialismo³.

Esta pesquisa analisa o cotidiano dos moradores de apenas dois, dos 46 *Foyers* existentes em Paris, o *Foyer Nouvelle France* e o *Bara*, localizados em Montreuil e cujos habitantes é, em sua maioria, de origem maliana.

Os Foyers Bara e Nouvelle France

³ A pesquisa foi realizada durante o pós-doutoramento, entre maio de 2010 e abril de 2011.

Os dois Foyers são as habitações coletivas que abrigam trabalhadores imigrantes da África subsaariana, em condições de extrema precariedade. No caso do *Foyer Bara*, criado em 27 de março de 1968, a construção do imóvel previa a moradia para 250 homens, celibatários por opção ou, privados de suas famílias por impossibilidade de trazê-las consigo. Porém, o diretor geral do abrigo, numa entrevista, em 2011, informou que, oficialmente, o *Foyer* acolhia 450 moradores, o que foi contraditado por um dos *délegués* (coordenadores) que afirmou que o *Foyer* abrigava em torno 1500 pessoas.

Apesar da inconsistência dos números foi possível constatar, pois era visível, a superpopulação e a situação de miséria total em que viviam, e atualmente vivem⁴, os habitantes do *Foyer Bara*. Numa visita a um quarto constatou-se que havia três beliches, lugar para seis pessoas dormirem, mas o quarto hospedava 17 homens com idades variadas, o mais jovem com 15 anos e o mais velho, com 84. O *Foyer Bara* é o mais conhecido abrigo para africanos na França e no Mali.

Já o *Foyer Nouvelle France* está localizado na rua *Centenaire* e tem sua origem no *Foyer Leon Gaumont*, criado nos anos de 1960 e destruído, no início da década de 80, durante a gestão do prefeito Marcel Dufruche, que queria acabar com o que ele denominava gueto. Naquela época, aproximadamente 350 moradores ficaram sem abrigo⁵. Então, sem opção, eles construíram barracos, ao longo da rodovia A186, mas as habitações tornaram-se insalubres e as condições deterioradas. Os barracos foram destruídos em meados de 1996 sem aviso prévio⁶, enquanto os moradores estavam no trabalho. Sem terem para onde ir, e após errarem por aproximadamente quatro meses, os trabalhadores ocuparam “provisoriamente” um galpão em Montreuil, na rua *Centenaire*. O prédio da antiga fábrica, subdividido em muitas repartições com lençóis, em 2012 abrigava em torno de 200 homens⁷.

⁴ Em maio de 2013, numa visita aos Foyers, foram constatadas as mesmas condições de moradia.

⁵ Na época, o prefeito disponibilizou uma residência social em que os moradores seriam distribuídos em quartos triplos e pagariam um aluguel de 1600 Francos por mês. Contudo, os trabalhadores não aceitaram a proposta porque haveria um profundo comprometimento da vida comunitária e, diante da vulnerabilidade social, do desemprego e da clandestinidade de alguns não era possível para aqueles que estavam em condições menos piores, deixar os *frères* numa situação de mais sofrimento. Eles não poderiam permanecer no local oferecido pelo prefeito, pois não teriam como pagar o aluguel. Diante do impasse resolveram não aceitar a proposta do prefeito que implicaria num modo de vida mais individualizado, sem vida comunitária, o que os enfraquecia ainda mais.

⁶ Conf.: < <http://www.ina.fr/video/CAB95023747> > Acesso em 23 de setembro de 2013.

⁷ O número de moradores é sempre aproximado, visto que a maioria permanece por longos anos nos alojamentos, mas há uma parcela que não é fixa.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizadas entrevistas com moradores das habitações coletivas, cinco no *Foyer Nouvelle France* e, no *Foyer Bara*, cinco individuais e uma reunião com um grupo focal, com 12 moradores. Diante da complexidade da situação dos trabalhadores africanos e moradores dos Foyers, para contatar os entrevistados e participar de alguns momentos do cotidiano e da experiência de sociabilidade contou-se com o auxílio de dois líderes dos alojamentos.

O primeiro contato foi com Moussa T.⁸, de aproximadamente 45 anos, originário do Mali, emigrado para a França desde 1991. Ele é morador do *Foyer Nouvelle France*, também chamado de *Centenaire*. Ele é membro da *Afrique Partenariat Services* e foi a partir do contato com essa Associação que foi possível conhecê-lo e, com ele, conhecer outros moradores do Foyer Nouvelle France e do Foyer Bara. Foi também ele que apresentou Daniëlle Manfraiy, francesa, membro da COPAF, *Le Collectif Pour l'Avenir des Foyers*⁹. Ela foi muito importante para contatar os moradores, notadamente Moussa D., maliano e um dos *délegués* (coordenador) do Foyer Bara, também localizado em Montreuil. Na maioria das visitas realizadas ao Foyer Bara contou-se com a atenciosa e colaboradora presença de Danielle Mainfray.

A contribuição dessas pessoas foi fundamental para a realização deste trabalho pois, diante da situação de extrema pobreza, de vulnerabilidade e, no caso de muitos, de clandestinidade e de profunda humilhação, foi indispensável o apoio de um morador ou daquela que gozava da confiança da maioria dos moradores para introduzir a pesquisadora naquele ambiente.

O contato com essa realidade causou forte impacto na pesquisadora por duas razões: primeiro pela pobreza e pela precariedade das condições de moradia, pelo sofrimento e humilhação vividos por aqueles imigrantes em Paris; segundo, porque, após o choque inicial constatou-se, não obstante a dura e sofrida realidade imposta a muitos imigrantes africanos, quão grandes eram a força e a luta desses sofridos homens contra o racismo e sua incrível solidariedade num contexto tão adverso.

⁸ Muitos africanos chamam-se Moussa, por isso esse nome será usado sem, contudo, identificar o entrevistado.

⁹ Tem por objetivos: élaborer et mettre en œuvre des propositions concernant l'avenir des foyers de travailleurs immigrés et le statut de leurs habitants pour faire de ces foyers de véritables habitats collectifs de qualité; favoriser les rencontres et les échange entre résidents, les comités de résidents des foyers et l'ensemble de leur environnement; informer et sensibiliser les pouvoirs publics, le monde associatif, les média et l'opinion publique, aux réalités des foyers et aux questions qui leur sont liées. < <http://www.projets-citoyens.fr/node/221>> Acesso em 23 de setembro de 2013.

Este trabalho está dividido em três partes. A primeira trata das relações sociais no contexto urbano, bem como da segregação em que a identidade e laços sociais vão se constituindo e se reconstituindo a partir da experiência de inserção no território.

Num segundo momento, analisa-se brevemente a história das habitações coletivas construídas como provisórias, para durar somente dois anos, mas elas permanecem tais, como há mais de 50 anos, como alojamento privilegiado para muitos imigrantes africanos. Atualmente, os abrigos continuam atendendo a uma demanda daqueles que veem na França, especialmente em Paris, a resposta para as dificuldades vividas individual e coletivamente. Dos vários abrigos existentes em Paris, que acolhem imigrantes, mormente aqueles oriundos da África, não só da região do Magrebe como também da região subsaariana, muitos estão localizadas em Paris e na região metropolitana de Seine Saint-Denis.

Por último, analisam-se alguns aspectos da vida cotidiana dos moradores dos dois *Foyers*.

As relações sociais no contexto urbano e a segregação dos malianos em Paris



Figura 1 - Interior do Foyer Bara – Foto Danielle Manfray, 2011.

Para analisar a complexa realidade das habitações coletivas, retomam-se as contribuições de Henri Lefebvre (1991). Para ele, o espaço urbano, não apenas o

território ocupado, que é o local privilegiado da troca, interfere no desenvolvimento das relações sociais, especialmente quando se pensa num território forçosamente segregado por causa do racismo, da exclusão e do distanciamento daqueles considerados indesejáveis.

Os processos de urbanização e de industrialização influenciaram e transformaram, de modo mais acentuado, a forma de contato entre os indivíduos e a maneira de estarem juntos num mesmo território. Foram as mudanças radicais no processo de organização do espaço urbano que levaram os estudiosos da Escola de Chicago e outros, na sequência, a se preocuparem com a desorganização e reorganização que ocorriam a partir dessas transformações.

Como aconteceu em Chicago, as cidades contemporâneas continuam sendo o lugar privilegiado para analisar as relações sociais, justamente porque é nas cidades que se encontra a maior diversidade de grupos, tradições, culturas, inclusive com uma série de problemas identitários etc. São essas diferenças que constituem o contexto urbano e social, sobretudo das grandes cidades. Segundo Yves Grafmeyer (1994), a aglomeração “serve de ‘laboratório social’, por excelência, da imigração, do desenraizamento, da desintegração das pertencas e dos laços sociais, da extrema heterogeneidade social e cultural”.¹⁰ Nessa perspectiva, vale lembrar aqueles que, no contexto urbano, são indesejados, o que torna a segregação um elemento constitutivo de muitas cidades.

Revisitando a segregação

Quando se pensa no conceito de segregação, são várias as possibilidades e perspectivas teóricas que se podem focalizar. Num primeiro momento, tende-se a pensar a segregação do ponto de vista de um problema a ser solucionado. Na sequência, a segregação pode ser vista como algo autorizado e desejado, ou seja, pode haver o desejo de distanciar-se, de separar-se por questões relativas a classes e categorias sociais, numa perspectiva weberiana de diferenciação do *status* social. Nesse sentido, entre as diversas concepções do tema, Yves Grafmeyer afirma:

[...] podemos procurar assinalar as diferenças de localização entre grupos definidos pela posição social ou pela origem étnica. Os índices permitem assim medir o grau de disparidade entre dois grupos. Outros apreciam o grau de disparidade de um determinado grupo: este grupo será considerado como

¹⁰ GRAFMEYER, Yves. *Sociologia urbana*. Europa-América : Lisboa, 1994, p. 79.

tanto mais “segregado” quanto mais a sua distribuição residencial se afastar daquela que foi observada para o conjunto da população da cidade. A idéia de segregação encontra assim um conteúdo empírico preciso, mas arrisca-se a ser assimilada, em última instância, a toda a forma de diferenciação social espaço urbano (GRAFMEYER, 1994, p. 46).

Segundo Raquel Rolnik¹¹, é fácil identificar, nas cidades, os territórios diferenciados e segregados. Cada um conhece o “seu lugar”, aquele em que se sente bem e acolhido, mas ao mesmo tempo também pode sentir-se um estrangeiro por ser esse lugar território de outra nação, não a sua. Existem, ainda, a separação das classes, das funções, dos grupos étnicos. É como se a cidade fosse demarcada por cercas, fronteiras imaginárias, que definem o lugar de cada coisa e dos moradores. Para Rolnik, existe a segregação imposta aos pobres e aos imigrantes indesejados, pois estes são vistos, muitas vezes, como ameaça. Mas há, ainda, a separação desejada, aquela almejada por questões relativas ao *status* (CALDEIRA, 2000)¹².

Aqueles que são indesejados, os pobres, os relegados, não escolheram a segregação. É o que ocorre com grande parte da população negra, fenômeno estudado por alguns estudiosos desde a década de 1950, como é o caso dos pesquisadores dos Estudos da UNESCO, como Costa Pinto¹³. Essa é a realidade de grande parte dos negros, muitos dos quais habitam as periferias das cidades brasileiras e de outros países; são os imigrantes africanos e de origem africana na cidade de Paris e região. Nesse sentido, a segregação é imposta pelas condições reais de existência, ou seja, pela pobreza, pelo racismo e, em muitos casos, para o controle policial dos segregados.

É importante destacar que o racismo se constitui um poderoso elemento da segregação e tem-se mostrado atual, perverso e determinante para o destino de milhões de pessoas no mundo. O problema ideológico da existência das diferentes raças e de sua hierarquia, com a predominância da “raça” ariana, tornou-se a principal preocupação. Ao analisar-se a situação dos negros, imigrantes africanos em Montreuil, nota-se que é necessário considerar o problema étnico-racial também no território ocupado por determinados grupos sociais.

A atualidade do racismo em diferentes sociedades

¹¹ ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

¹² CALDEIRA, Teresa P. R. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp/Editora 34, 2000.

¹³ COSTA PINTO, Luiz Aguiar. *O negro no Rio de Janeiro: relações de raça numa sociedade em mudança*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, coleção Brasileira.

Desde a emergência do conceito de raça científica nos séculos XVIII e XIX, todos os campos do saber passaram a convergir para o conceito de raça (na filosofia, na história, na literatura etc.)¹⁴. A preocupação com o futuro das nações passava pela ideia da raça como elemento constitutivo de um povo. A difusão da ideia de superioridade da “raça” branca passou a dominar todos os discursos em todos os meios.

As análises sobre influência dos conceitos de raça e do racismo têm de ser consideradas no âmbito das transformações das nações, nos séculos XIX e XX, notadamente a experiência do colonialismo europeu, e na atualidade. É num contexto de pós-colonialismo em que os imigrantes oriundos das antigas colônias, Mali por exemplo, e outros países africanos, moradores das habitações coletivas, vivem a preocupante situação de exclusão, de segregação, de discriminação baseadas no racismo.

A análise da situação do negro presente em determinados territórios pressupõe compreender a história das discriminações, da segregação, da violência e da exclusão, assim como a emergência do conceito de *raça* e *racismo*, visto que a realidade da população negra não pode ser explicada somente a partir do período colonial e da escravidão nos diferentes países. A situação de hoje remonta à história do racismo mundial de outrora e das suas manifestações na atualidade.

O racismo que afeta os negros possui características semelhantes em muitas nações: a rejeição, a violência e as desigualdades em todos os níveis sociais impactam as reais condições de sobrevivência e de expectativa de vida. Ou seja, o racismo interfere na vida e na morte dos indivíduos que vivenciam cotidianamente as consequências de sua condição. Então, é preciso compreender a história e as realidades sociais vividas por aqueles que têm sua origem na África negra e habitam as moradias coletivas de Paris. Estes mostram, na atualidade, os perversos e chocantes efeitos do racismo. Hannah Arendt, ao estudar a situação dos judeus no mundo, também vítimas de racismo, afirma que é necessário não negar os acontecimentos e compreender a história. Diz ela:

Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos, (não significa) utilizar-se de analogias e generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós – sem negar sua existência, nem vergar humildemente ao seu peso. Compreender

¹⁴ WIEVIORKA, Michel. *Nove lições de sociologia*. Lisboa: Teorema, 2010.

significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja (ARENDT, 1997, p. 12)¹⁵.

A situação precária dos moradores das habitações coletivas, Foyers, chega a ser chocante. Na tentativa de compreender esse contexto é necessário entender como tais habitações passaram a fazer parte do cenário de cidades como Paris e de outras cidades.

Os Foyers: a permanência do provisório

As habitações coletivas, os Foyers, foram concebidas para abrigar provisoriamente os trabalhadores imigrantes, em especial os da África negra, no máximo por dois anos. Contudo, tornou-se a moradia permanente de inúmeros trabalhadores, principalmente solteiros, ou sem família na França. Segundo Catherine Quiminal (1991, p.19)¹⁶, esse tipo de habitação tornou-se o principal modo de abrigar a população maliana nos finais dos anos de 1970 e 1980. Mas, a sua história remonta ao contexto do final da Segunda Guerra Mundial. A guerra entre 1940 e 1945 terminou e era necessária a reconstrução da França, que estava enfraquecida, por causa dos efeitos bélicos. Para Michel Fiévet, o contexto era de busca da reestruturação industrial e de manutenção do império colonial, garantida pela dependência das colônias, sobretudo nos aspectos da política militar, cultural, jurídica e econômica¹⁷.

Para suprir a necessidade de mão-de-obra, num primeiro momento, houve incentivo à migração da própria Europa, dos trabalhadores braçais de Portugal, Itália, Polônia, Espanha e Alemanha, oriundos mormente das regiões rurais. Os imigrantes intelectuais não eram bem vistos, pois poderiam estar ligados ao comunismo. Também houve incentivo à migração interna; muitos camponeses franceses também foram incentivados ao trabalho na indústria e na construção civil nas regiões urbanas, especialmente na capital.

Fiévet ressalta que as principais causas do *boom* migratório, além da necessidade de reconstrução da capital francesa, foi o contexto de pós-independência da Argélia, com a criação de novas necessidades dos franceses que retornavam da antiga colônia,

¹⁵ ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. 8ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

¹⁶ QUIMINAL, Catherine. *Gens d'ici, gens d'ailleurs: migrations soninké et transformations villageoises*. Paris: Christian Bourgois Editeur, 1991.

¹⁷ FIEVET, Michel. *Le livre Blanc des travailleurs immigrés des Foyers. Du non-droit au droit*. Paris, L'Harmattan, 1999, p. 9-11.

mas que geralmente não aceitavam trabalhar em funções atribuídas aos imigrantes. Soma-se a esse fato o retorno de muitos algerianos para o seu país. Com a abertura de inúmeros e imensos canteiros de obras e a concorrência do mercado produtivista internacional, era grande a necessidade de mão-de-obra. Os Foyers foram inicialmente construídos para abrigar a massa de imigrantes africanos. Refere Marc Bernardot (2008):

...as habitações para celibatários foram instaladas em Paris num meio particularmente denso; eles apresentam uma história de grande diversidade em tamanho em sua concepção e com forte imbricação no tecido urbano. Entretanto, eles estão concentrados no este da capital (francesa) e particularmente nos bairros XVIIIe, XIXe e XXe arrondissements) que reagrupam 25 dos 46 foyers, estão próximos uns dos outros e frequentemente nos bairros populares. Nove dos vinte bairros da cidade não acolhem nenhum foyer. Os foyers estão raramente sobre os eixos essenciais e são pouco visíveis ou identificáveis (...). Entretanto, uma parte deles não correspondem às normas técnicas e sociais de uma habitação decente, seja porque foram concebidos como locais industriais ou de dormitórios, seja porque foram mal-concebidos e mal-construídos. Por outro lado, sua utilização foi intensiva, duradoura e por muito tempo sem renovação em prédios degradados e insalubres. Os riscos de incêndio e de sinistros são grandes por muitos motivos, entre eles, a existência de cozinhas coletivas nos andares...¹⁸

Ainda hoje, são numerosos os estrangeiros moradores em habitações coletivas em Paris, também aqueles oriundos da região norte da África, como os algerianos e os marroquinos, visto que a emigração subsaariana foi posterior àquela da região do magrebe e teve o seu *boom* nos anos 1970. Segundo as informações da prefeitura de Paris, em 2012, a cidade tinha 46 abrigos (25 somente em Paris, segundo a prefeitura de Paris), com uma população estimada em 8700 pessoas¹⁹.

Chegada dos africanos na Ilha da França

1964	2.000
1965-1969	9.000
1974	43.000
1980-1984	178.000

Tabela 1 - Fonte: Fievet, p. 18

¹⁸BERNADOT, MARC. Loger les immigrés: La Sanacotra 1956-2006. Paris, Terra, 2008 (Tradução livre). Ver também: Bernardot Marc, « Trois jours dans la vie d'un foyer », Multitudes, 2009/2 n° 37-38, p. 253-256. DOI : 10.3917/mult.037.0253 < <http://www.cairn.info/publications-de-Bernardot-Marc--13573.htm> > Acesso em 30/04/2013.

¹⁹Cf.: < http://www.paris.fr/politiques/citoyennete/citoyennete-et-integration/le-plan-de-rehabilitation-et-d-humanisation-des-foyers-de-travailleurs-migrants/rub_7760_stand_79133_port_17914 > Acesso em 13 de março de 2012 (site oficial da Prefeitura de Paris).

O auge da migração africana ocorreu nos anos de 1970, não obstante a migração africana ter começado de forma mais significativa nos anos de 1960. Fièvet refere:

[...] a visibilidade deste fenômeno é ampliado pelo fato de que esta população se concentra em alguns setores da Ilha de França e em algumas cidades portuárias. E, mais, nos anos de 1962 a 1965 eles se juntam aos seus compatriotas e são encontrados amontados nos cortiços, porões e sótãos de Paris, de Clichy, de Saint-Denis ou Montreuil. Segundo dados oficiais, 40% dos imigrantes africanos vêm de vale do rio Senegal e 35% deles nunca foram à escola. Eles geralmente pertencem a redes migratórias com base em estruturas das aldeias rurais (em torno de 80%), se instalam em foyers e favorecem a entrada de outros imigrantes rurais oriundos de suas aldeias e pequenas vilas (FIEVET, 1999, p. 18)²⁰.

A experiência dos trabalhadores moradores nos Foyers Nouvelle France e Bara

A experiência dos malianos moradores das habitações coletivas em Paris e região não é nada fácil de analisar, visto revelar a vivência de um profundo sofrimento, em razão da pobreza, de sua condição de imigrantes, da falta de possibilidade de proteger a própria intimidade e, sobretudo, do descaso das autoridades locais, que os tratam como se não existissem; é como se aquele contingente populacional fosse completamente desconsiderado. Mas há também uma profunda experiência de sociabilidade, de solidariedade, de capacidade adaptativa em transitar por diferentes mundos, no Ocidente e na África; numa cidade global como Paris e em suas pequenas comunidades como na vila de Kaye²¹, no Mali.

Segundo Michel Wieviorka, apesar de muitas vezes ser dilacerante a experiência do imigrante, em outras pode ser enriquecedora, ainda que num contexto adverso. Uma das coisas dignas de admiração foi a capacidade de ressignificar a própria identidade; percebe-se uma transformação ligada à experiência de desterritorialização e de mobilidade. Wieviorka sobre a migração diz:

“É certo que a experiência da migração é muitas vezes dilacerante, comportando geralmente o seu quinhão de sofrimento e de dificuldade. Mas não é só isso. Além do mais, e ao contrário de certas idéias feitas, não conduz necessariamente à desolação da perda da identidade, à dissolução na sociedade de massas ou do consumo, à absorção do migrante no sei da cultura homogênea das indústrias culturais de massas; é também acompanhada pela reprodução de formas culturais ou religiosas e, mais ainda,

²⁰ FIEVET, Michel. *Le livre Blanc des travailleurs immigrés des Foyers. Du non-droit au droit*. Paris, L'Harmattan, 1999.

²¹ Dista em torno de 500 km de Bamako, capital do Mali.

pela produção de novas formas culturais, ligadas a fluxos, a circulações, à desterritorialização, à mobilidade” (WIEVIORKA, 2010, p. 53).

Ainda que não haja perda da identidade e existam aspectos positivos na experiência migratória, no caso dos trabalhadores habitantes dos abrigos, o cotidiano é permeado de sofrimento mas, ao mesmo tempo, de uma intensa vivência de sociabilidade e de solidariedade.

A origem maliana

A maioria dos moradores dos dois abrigos pesquisados eram originários das regiões rurais do Mali, muitos da região de Kayes, no oeste do país, caracterizada pela pobreza e pelas enormes dificuldades sociais e ambientais em consequência da seca e da desertificação. Segundo alguns entrevistados, em várias famílias, ao gerar-se uma criança, espera-se que ela, se do sexo masculino, possa ser o sustento dos parentes devendo então, depois de crescida, ir em busca não só do próprio sustento, mas também do da família, em outros países. A sobrevivência das famílias depende dos imigrantes que enviam o sustento básico. O dinheiro que chega é para comprar milho, arroz... Ou seja, o alimento necessário para manter a vida.

A viagem: uma trajetória fatal para muitos

Muitos jovens saem do Mali, passam pelo Marrocos, chegam à Espanha, mas o destino é a França. Parte do percurso é feito em barcos e muitos naufragam. Nas experiências dramáticas, os passageiros pedem socorro mas nem sempre o apelo é atendido. Durante a realização desta pesquisa, algumas matérias jornalísticas relataram o naufrágio²² de embarcações que tentavam chegar à Europa, com inúmeros mortos. Geralmente, as autoridades informavam que não tinham sido contatadas para socorrer ou, quando atendem ao chamado, acabam chegando tarde demais para qualquer socorro. Também ocorrem acidentes, muitas vezes sem uma explicação razoável, como foi o choque de uma embarcação da Guarda civil espanhola com um barco que transportava

²² Conf.: < <http://www.sudouest.fr/2011/06/02/un-navire-de-migrants-a-coule-en-mediterranee-au-moins-200-disparus-415642-4803.php> > Acesso em 29/04/2013.

imigrantes clandestinos em águas espanholas²³. São inúmeras as mortes no percurso em busca de vida...

Um dos entrevistados do *Foyer Bara*, em Montreuil há mais de 25 anos, saiu da sua região rural no Mali juntamente com 14 jovens. Em razão de inúmeras dificuldades do trajeto, somente ele sobreviveu. Ao lembrar dos demais companheiros de viagem ele se emociona enquanto fala do sofrimento de ser estrangeiro e de ter de conviver com a humilhação cotidiana.

Todos os entrevistados afirmaram que os jovens são praticamente obrigados a sair de suas terras para buscar a própria sobrevivência e da família; afirmaram que não existe outra opção. A viagem é uma questão de subsistência. Ficar no país de origem, para muitos, significaria a própria morte e dos parentes.

A chegada a Paris – o *Foyer*, espaço de solidariedade e desafios

Quando chegam a Paris muitos são acolhidos nos Foyers; geralmente são esperados por irmãos, primos ou por alguém que os conhecia nas aldeias de origem. Apesar das condições adversas em que vivem aqueles que moram nos dois abrigos coletivos, existe um profundo sentimento de solidariedade e de comunidade entre eles.

Alguns, somente após muitos anos de vivência em território francês, conseguem a tão desejada *Carte de Séjour*, com o *status* de regularizado na França. Outros jamais conseguirão e inúmeros são recolhidos pelos Estado e enviados de volta ao país de origem. Daqueles que conseguem os documentos, grande número continua nos abrigos coletivos, muitas vezes porque o rendimento percebido é insuficiente para a própria manutenção e dos familiares que permaneceram no Mali. Outras vezes porque os *frères du Foyer* são a família e, portanto, o sustentáculo diante dos desafios cotidianos. Por isso, ainda que tenham conquistado condições de morar num pequeno apartamento, num *studio*, numa quitinete, eles permanecem lá para “guardar” o lugar para os que virão. É como se fossem proprietários de uma vaga na habitação coletiva com a finalidade de preservar a “vaga” para outros membros da família que partirão para Montreuil.

O trabalho – entre a ilegalidade e a necessidade de subsistência

²³ < <http://observers.france24.com/fr/content/20130314-une-embarcation-clandestins-renversee-guardia-civil-video-fait-polemique-immigration-clandestin-collision> e <http://www.20minutes.fr/ledirect/1035978/douane-italienne-arraisonne-bateau-migrants>> Acesso em 29/04/2013.

O primeiro trabalho de muitos é como vendedores ambulantes. A maioria, quando regularizada, desenvolve aquelas funções que o cidadão francês não gosta de exercer, como a de faxineiro e outros trabalhos braçais pesados. Contudo, o principal problema são os *papiers*, os documentos que dão permissão para ficar e trabalhar na França. Muitos são presos e deportados antes da desejada regularização. Um dos *delégués* entrevistado conseguiu a carta de permanência somente após 18 anos de sua estada em Paris. Num determinado momento ele foi pego pela polícia e deportado. Mas, sem opção para subsistir e sustentar a própria família, ele retornou enfrentando as mesmas dificuldades do trajeto. Nessa perspectiva, o depoimento de Moussa exemplifica o que vivem, ao mencionar as dificuldades do seu grupo étnico e da maioria dos habitantes daquele *Foyer*:

Os soninké²⁴ amam viajar. Os soninkés que estão na França enviam tudo para seus parentes. Durante a seca tenta-se cultivar, mas não se ganha nada. Há muitos primos, primas que não tem nada para comer. E os meninos de 15, 16, 20 anos, todo mundo os olha, para dizer que são eles que devem procurar (o sustento da família). Você é obrigado a fugir. Não, não é fugir, mas partir para um lugar onde se pode procurar (sustento). Lutou-se para estar na França. Para mim, minha esperança em vir para França, foi para trabalhar e alimentar a família. Para alimentar a família. Depois, vou tentar retornar ao meu país. Minha idéia foi essa. Após ter chegado aqui, durante muito tempo fiquei sem documentos. Durante esse tempo, que fui um *sans papier*, eu trabalhei, mas foi trabalho « *au noir* » (clandestino). As vezes eles (os patrões) te pagam e as vezes não te pagam. As vezes te pagam em espécie, mas você não tem direito neste momento. Tem-se medo. Eu saí de minha aldeia para ajudar a minha família. Depois se eu voltar sem nada, será uma vergonha (Moussa, 45 anos, faxineiro).

Para conseguirem a regularização e poderem de permanecer no país estrangeiro, alguns demoraram até 20 anos, isso quando escapam da deportação. Não se encontrou ninguém que tenha tido acesso a *Carte de Séjour*, no país antes dos 10 anos de estada. Diante dessa situação, existe um mercado clandestino de trabalho que alimenta a França e a beleza parisiense. São inúmeros os imigrantes que trabalham sem os documentos, caso em que são muito mais explorados. São ameaçados constantemente, não podem reclamar por causa do baixo salário; se o fizerem ficam sem emprego ou, pior, podem ser denunciados à polícia por serem clandestinos. A vida comunitária no *Foyer* serve de apoio para enfrentar as dificuldades. Outro elemento de apoio é a religião muçulmana.

²⁴ Um dos grupos étnicos presentes no Mali. Neste trabalho não foi possível aprofundar as características dos grupos de origem dos entrevistados.

Religião, educação e comunidade

A religião é um importante elo de sustentação numa realidade tão adversa. Praticamente quase 100% dos moradores dos dois abrigos são muçulmanos. É impressionante a experiência de sociabilidade e de compromisso de muitos com a realidade da comunidade, tanto com os do território estrangeiro quanto com os que permanecem na comunidade de origem. A maioria dos malianos, moradores dos abrigos, segundo informações obtidas nas entrevistas e nos diálogos durante a pesquisa, vivem com apenas 25% do que ganham com o trabalho na França. Os outros 75% eles os enviam para alimentar as famílias em suas aldeias de origem.

Outro desafio enfrentado é o analfabetismo que atinge a maioria absoluta dos moradores dos *Foyers*. Segue o depoimento de um dos moradores, preocupado com a comunidade de origem, no referente ao trabalho e à educação:

Eu tenho que criar condições de trabalho lá e já estava tentando montar uma associação. Tenho que ter mais dinheiro, um pouco mais... A região (onde a família vive) faz fronteira com a Mauritânia, mais ou menos seis quilómetros. Há um vilarejo ali que existe há 120 anos. Tentamos criar a escola, mas a escola se degradou.... As pessoas com 15 anos não sabem ler ou escrever. A escola foi criada em 2001, mas se degradou. E agora a escola está completamente inativa. O governo não nos ajudou. Criamos uma associação para reconstruir a escola. Por fim, se não fizermos nada a situação piora... a criança tem que ir para a escola, assim será capaz de ler e escrever, eles podem nos ajudar um pouco (MOUSSA, 45 anos, faxineiro).

Embora o sentimento de solidariedade seja profundo e forte, é possível perceber que muitos gostariam de ter condições de sobreviver sem o compromisso de sustentar uma grande família no país de origem.

Vida em comunidade – sem espaço para desvio de conduta...

Os moradores dos *Foyers* vivem juntos e fazem suas preces juntos; alimentam-se juntos, muitas vezes vários compartilham o mesmo prato, uma prática vivida nas comunidades de origem e que continua no cotidiano dos abrigos. Eles conversam muito, estão sempre juntos partilhando os problemas locais e das suas cidades. Quando um está desempregado é sustentado por todos, mas quando consegue trabalho também deverá contribuir.

Nesse ambiente, também ocorrem problemas, mas quando isso acontece rapidamente a situação é resolvida, com a presença da autoridade que as vezes impõe

uma multa, em caso de brigas, ou expulsão quando o problema é considerado mais grave. É possível perceber que não há tolerância para o desvio de conduta. Seguem os depoimentos de Moussa e Kebe:

Em casa é uma vida social. Nós vivemos juntos ... Não são todos irmãos, primos ... Não é seu pai, não são seus primos... Quando você vem para o *Foyer* a vida é como qualquer outro lugar do mundo. São duzentas pessoas no fundo.... Quando alguém chega, mesmo sendo estranho... é nosso irmão, você fala soninké ou bambara... Se você veio, você é bem-vindo... À noite fazemos comida com todo mundo junto. Vamos todos cozinhar para duzentas ou trezentas pessoas. Nós comemos juntos... Há pessoas que não comem em casa... mas há ao menos uma centena de pessoas que comem. Se você que não está trabalhando, não paga nada, não paga aluguel, não paga para comer. Mas o dia que você vai começar a trabalhar, ele (o coordenador do *Foyer*) vai pedir para você pagar para comer e para pagar aluguel. Existem leis no *Foyer*, há lei. Temos um chefe da casa, há um *délegué* que está lá. Se ocorrer algum problema no *Foyer*, vamos chamar o *délegué* e vamos discutir. Eles são como assessores da casa. Se duas pessoas brigam, elas vão pagar 40 euros. A pessoa que está errada paga 70 euros por pessoa e a outra 40 euros (Moussa, 45 anos, Faxineiro)

Considerações Finais

Este texto aborda apenas parte dos dados que foram analisados na pesquisa realizada com os moradores dos *Foyers des Travailleurs Immigrés*. Contudo, foi possível perceber que os problemas vivenciados pelos imigrantes malianos e moradores das habitações coletivas estão relacionados com as dificuldades encontradas, no próprio país, para a subsistência, visto que a maioria está naquela situação porque não existem outras opções senão imigrar em condições desumanas. São poucos os que conseguem ultrapassar as barreiras da trajetória até a França: muitos são enganados pelos atravessadores, outros são presos ou mortos nos países por onde passam para chegar ao destino final e muitos, um maior número, sucumbem nos inúmeros naufrágios; enfim, as dificuldades para chegar à França são incalculáveis, particularmente a Montreuil, visto que o *Foyer Bara* é conhecido no Mali e muitas vezes é o destino “desejado” por inúmeros jovens.

Nesse contexto, foi possível perceber que os problemas relacionados ao racismo, à segregação, à exclusão e à violência cotidiana são potencializados ao máximo quando se trata de negros imigrantes. No caso do trabalho, a exploração é ainda maior diante da vulnerabilidade dessas pessoas. As adversidades enfrentadas por inúmeras pessoas que estão longe de vivenciar a experiência de cidadania e das conquistas dos Direitos

Humanos não são conhecidas o bastante e sua superação está longe dos horizontes previstos.

Referências Bibliográficas:

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. 8ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CALDEIRA, Teresa P. R. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp/Editora 34, 2000.

BERNADOT, Marc. *Loger les immigrés: La Sanacotra 1956-2006*. Paris, Terra, 2008.

FIEVET, Michel. *Le livre Blanc des travailleurs immigrés des Foyers. Du non-droit au droit*.

Paris, L'Harmattan, 1999.

GRAFMEYER, Yves. *Sociologia urbana*. Europa-América: Lisboa, 1994.

QUIMINAL, Catherine. *Gens d'ici, gens d'ailleurs: migrations soninké et transformations villageoises*. Paris: Christian Bourgois Editeur, 1991.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

WIEVIORKA, Michel. *Nove lições de sociologia*. Lisboa: Teorema, 2010.

Recebido em Maio de 2014/ Aprovado em Junho de 2014